



AS UPANIŞADS COMO FONTES HISTÓRICAS

Leonardo Ricardo de Oliveira

leonardo.rdj5@gmail.com

Graduando em História (UNIFESP)

Bolsista de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq

Orientador: Prof. Dr. Glaydson José da Silva (UNIFESP)

Este texto¹ tem por objetivo apresentar algumas passagens das **Upaniṣads** *Bṛhadāraṇyaka* e *Chāndogya* que indicam algumas características da antiga sociedade indiana, tais como os tipos de conhecimentos cultivados, os papéis de gênero e a inexistência de dominação social baseada na cor da pele. Com isso, procurar-se-á defender a importância das **Upaniṣads** como fontes históricas. Tais procedimentos são singelos modelos de reconstrução de um quadro geral da antiga Sociedade Védica.

Os historiadores da Filosofia e das religiões certamente não ofereceriam resistência à afirmação de que as **Upaniṣads** – composições anônimas (STELLA, 1969, p. 7) pertencentes à Literatura Védica que versam, em linhas gerais, sobre temas filosófico-religiosos (OLIVEIRA, 2023, p. 552) e que apresentam reflexões consideradas pertinentes ao hinduísmo hodierno (OLIVELLE, 1998, p. 7) – podem ser fontes históricas úteis às suas respectivas frentes de pesquisas. Entretanto, a natureza abstrata das especulações presentes nas **Upaniṣads** pode afastar, num primeiro momento, os historiadores que não têm como objeto de pesquisa a Filosofia ou o pensamento religioso de tais obras.

¹Este texto expõe alguns resultados de pesquisa da Iniciação Científica em desenvolvimento por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob a orientação do Prof. Dr. Glaydson José da Silva.

Especificamente em relação às composições aqui evocadas, estas são consideradas as **Upaniṣads** mais antigas (OLIVELLE, 1998, p. 12, 30), compostas por volta do século VII ou VI AEC² (OLIVELLE, 1998, p. 12)³ e transmitidas oralmente de geração em geração (OLIVELLE, 1998, p. 8; COHEN, 2018, p. 6) pelos brâmanes (KILLINGLEY, 2018, p. 52). Tanto a **Bṛhadāraṇyaka** quanto a **Chândogya** abordam as naturezas de **ātman**⁴ e **brahman**⁵, a doutrina da transmigração e o que deve ser feito para escapar do ciclo de renascimentos (**samsāra**). Contudo, conforme será defendido, tais textos também fornecem aos interessados importantes informações sobre a antiga sociedade indiana (OLIVELLE, 1998, p. 3), de tal sorte que as **Upaniṣads** também podem ser consideradas valiosas fontes históricas aos historiadores voltados a outros aspectos gerais da antiga sociedade em questão.

Antes que a análise seja feita, é preciso que dois pressupostos sejam indicados. Em primeiro lugar, a expressão “fonte histórica” está aqui sendo empregada como tudo aquilo que propicia a compreensão do passado humano (BARROS, 2019, p. 15). Em segundo lugar, dado que a literatura, em seu sentido mais geral, não é forjada num vácuo, entende-se que os textos dos mais variados gêneros literários não podem ser isolados da sociedade (SAID, 2011, p. 50) e revelam, por conseguinte, algumas características das comunidades nas quais foram produzidos.

Nesse sentido, quando **Nārada**, um sábio védico, pede que **Sanatkumāra** o ensine (LINDQUIST, 2018, p. 114) sobre a natureza do eu – **ātman** – (CU 7.1.1,3), aquele precisa de mostrar algum conhecimento

² Empregar-se-á aqui a expressão Antes da Era Comum (AEC), e não antes de Cristo (a.C.).

³ Há um vasto debate acerca da datação e cronologia das **Upaniṣads**. Paul Deussen, e.g., sugeriu em 1906 que as **Upaniṣads** foram elaboradas entre os séculos X e V AEC (DEUSSEN, 1906, p. 51). Já Patrick Olivelle, em 1998, apontou para a existência de um consenso atual em torno da proposição de que as primeiras **Upaniṣads** possivelmente começaram a ser compostas entre os séculos VII e VI AEC, conforme indicado.

⁴ **Ātman** é o eu indestrutível de cada ser (OLIVEIRA, 2023, p. 561), ontologicamente indistinguível de **Brahman** (SILVA, 2018, p. 15, 25).

⁵ **Brahman** é o fundamento da realidade; uma força cósmica (COHEN, 2018, p. 44) presente em cada ser vivo.

prévio, de modo que podemos captar na exposição de seus saberes alguns elementos internos daquela sociedade. Então, **Nārada** diz que além de estudar os antigos textos sagrados dos Vedas, também dedicou parte de sua vida aos estudos dos números, dos diálogos e dos monólogos (CU 7.1.2). Este trecho sugere a existência, na antiga sociedade indiana, do conhecimento abstrato lógico-dedutivo – imbricado no conhecimento a respeito dos números –, bem como indica a existência de um saber dedicado à retórica. Já ao historiador interessado na História da Alimentação do período, por exemplo, a **Bṛhadāraṇyaka** fornece a seguinte informação⁶: “Dez são os grãos de uso doméstico: arroz, cevada, sésamo e feijão, painço, trigo, lentilha, ervilha e feijão miúdo, fava” (BU 6.3.13).

Essas passagens foram articuladas com a finalidade de sustentar a proposição de que as **Upaniṣads** também revelam em seu amálgama outras importantes características da antiga sociedade indiana – a despeito de haver em seu conteúdo um predomínio de temas filosófico-religiosos, conforme mencionado. Ademais, será concedido a seguir um enfoque ao que a **Bṛhadāraṇyaka** sugere acerca das relações de gênero da época.

Nela, há, em determinado ponto, a presença de uma mulher em um debate filosófico sobre a composição do mundo. Seu nome é **Gārgī Vācaknavī**, a única figura feminina a participar ativamente de uma disputa argumentativa contra o filósofo **Yājñavalkya** na corte do rei Janaka (LINDQUIST, 2018, p. 117). Ela pergunta ao filósofo: “As coisas, **Yājñavalkya**, acima do céu, debaixo da terra, entre o céu e a terra; aquilo que chamam passado, presente e futuro, disso o que é a trama e urdidura?” (BU 3.8.3). De fato, é revelado posteriormente que **Yājñavalkya** consegue superá-la, mas o ponto aqui em questão é a presença de uma mulher em um debate filosófico. Ora, nas **Upaniṣads** é raro a presença de mulheres em

⁶ Esta e outras citações diretas das **Upaniṣads** presentes neste texto foram extraídas da tradução do sânscrito para o português feita por Adriano Aprigliano, intitulada *Upaniṣadas: os doze textos fundamentais* (2020). Ressalta-se que tal tradução baseia-se no texto sânscrito editado por Patrick Olivelle, presente na obra *The Early Upaniṣads: Annotated Text and Translation* (1998).

debates de tal natureza, o que denota o silenciamento social aplicado ao gênero feminino no período. Mas tal passagem também sinaliza que algumas mulheres, sobretudo aquelas consideradas “bem-nascidas”, ou seja, não- *śūdras*, podiam ocasionalmente participar de tais discussões (OLIVELLE, 1998, p. 12).

Debates como esse foram registrados com frequência nas *Upaniṣads*. A *Chāndogya* traz a seguinte passagem, que permite a identificação do perfil social dos participantes dessas discussões intelectuais:

Prācīnaśāla Aupamanyava, Satyayajña Pauluṣi, Indradyumna Bhāllaveya, Jana Śārkarākṣya, e Buḍila Āśvatarāśvi, homens de vastas posses e vasta cultura, reuniram-se e entraram a examinar profundamente as seguintes questões: “Que é o nosso si, que é brahman? [Grifo nosso] (CU 5.11.1).

Ainda abordando as relações de gênero na *Bṛhadāraṇyaka*, há a seguinte passagem: “Pois então, *Yājñavalkya* tinha duas mulheres, *Maitreyī* e *Kātyāyanī*. Entre elas, *Maitreyī* era alguém que debatia brahman. Já *Kātyāyanī* possuía apenas um entendimento de mulher” (BU 4.5.1). Este trecho indica três coisas: (1) a presença, ainda que em menor escala, de mulheres em alguns debates intelectuais; (2) a existência de divisão social entre assuntos femininos e masculinos e (3) que os assuntos filosófico-religiosos pertenciam ao universo masculino.

De modo geral, é possível afirmar com base nesses recortes que à mulher daquele período cabia sobretudo os assuntos domésticos, ainda que algumas delas tenham ultrapassado as barreiras sociais nos momentos em que suas vozes foram ouvidas. Além disso, a ausência da presença feminina na maior parte das *Upaniṣads* aqui tratadas também indica a posição de subalternidade social imposta às mulheres naquele período.

Por último, será sugerido, sob o prisma de algumas passagens da *Bṛhadāraṇyaka*, que a cor da pele, possivelmente, não era utilizada pelas castas dominantes como um mecanismo de distinção social em relação aos subalternos. Desde o século XIX, estabeleceu-se a hipótese de que os povos arianos – de peles mais claras em relação aos autóctones (MCEVILLEY,

2002, p. XXII-XXIII) e falantes de uma língua indo-europeia – adentraram no Subcontinente Indiano por volta de dois mil anos AEC e subjugaram a população que lá habitava (OLIVELLE, 1998, p. 4-5; MCEVILLEY, 2002, p. 1). Embora seja incerto, no bojo dessa hipótese, que esses invasores tenham aplicado, no intervalo de tempo entre a referida invasão e o período que precedeu o surgimento das **Upaniṣads**, mecanismos de distinção social baseados na diferença de cor da pele, pode-se supor que, ao menos quando da composição das primeiras obras em questão, a organização da sociedade em castas (**varṇas**)⁷ não era determinada a partir da cor dos indivíduos ou em qualquer outro critério fenotípico. Nesse sentido, é relevante notar a ausência de preferência dos brâmanes por um descendente de uma cor específica, como a **Bṛhadāraṇyaka** sugere:

Se seu desejo for que “Me nasça um filho claro, aprenda um Veda e viva por toda a sua vida”, mande-a cozinhar [isto é, determinada mulher] arroz com leite e eles dois o comam com manteiga clarificada⁸. [...]

Se seu desejo for que “Me nasça um filho moreno de olhos castanhos, aprenda dois **Vedās** e viva por toda a sua vida”, mande-a cozinhar arroz com coalhada e eles dois o comam com manteiga clarifica [sic]. [...]

Se seu desejo for que “Me nasça um filho escuro de olhos avermelhados, aprenda três **Vedās** e viva por toda a sua vida”, mande-a cozinhar arroz com água e eles dois o comam com manteiga clarificada (BU 6.4.14-16).

O excerto acima refere-se aos procedimentos ritualísticos realizados pelos futuros pais que desejam escolher a cor da pele e outras características de seus descendentes diretos. Se as castas da sociedade em questão fossem estritamente segregadas de acordo com a cor da pele de seus membros, seria de se esperar a prescrição de apenas um ritual –

⁷ No contexto das Upaniṣads, havia quatro castas (**varṇas**) na Índia, a saber: **kṣatriyas**, os quais compunham a elite militar; brâmanes, dedicados aos rituais e às discussões dos Vedas; **vaiśyas**, casta composta por camponeses e artesãos; **śūdras**, grupo composto por homens e mulheres escravizados (OLIVELLE, 1998, p. 5; COHEN, 2018, p. 43).

⁸ A manteiga clarificada (Ghee) era utilizada no período védico sobremaneira em contextos ritualísticos como este. Trata-se de uma manteiga reduzida ao fogo até que haja separação entre a parte líquida e os resíduos.

aquele que promettesse ao praticante um filho cuja cor da pele correspondesse à cor das elites dominantes –, e não três rituais, como ocorre na **Bṛhadāraṇyaka**. De fato, a prática da escravidão também existia na Índia Antiga, como a oferta do rei Janaka de conceder o povo de Videha como escravo a **Yājñavalkya** frente à sabedoria do filósofo pode atestar (BU 4.4.23). Contudo, a escravidão no período, bem como a organização das castas, possivelmente não era determinada a partir de critérios fenotípicos.

Embora os trechos evocados acima não tenham o intuito de contestar frontalmente a hipótese da penetração ariana na Península Indiana – procedimento que se expande para fora dos objetivos deste texto –, vale destacar que tal invasão vem sendo questionada desde o século XIX, sobretudo por eruditos indianos (CARVALHO, 2014, p. 20). Em linhas gerais, há um entendimento por parte destes de que tal hipótese: (1) é racista (MCEVILLEY, 2002, p. XXVIII-XXIX), pois advoga que uma “raça superior” – os arianos – conquistou outra “raça inferior” (CARVALHO, 2012, p. 134) – os dravidianos autóctones; (2) servia aos interesses imperialistas britânicos (CARVALHO, 2012, p. 138) na Índia, já que assim como a Sociedade Védica teria florescido a partir de elementos culturais externos trazidos pelos arianos – tais como a língua sânscrita e os deuses védicos –, semelhantemente os britânicos seriam responsáveis por revitalizar novamente a cultura indiana; (3) é incorreta, pois o termo **āryas** (arianos) presente no **R̥gveda**⁹ não designava, no contexto de composição da obra supracitada, uma raça ou um povo, mas tão somente uma superioridade moral ou qualidade interior (CARVALHO, 2014, p. 29, 34)¹⁰.

Assim, percebe-se que tais composições podem ser fontes históricas úteis aos historiadores que pesquisam os mais diversos temas relacionados à Índia Antiga, assim como a Bíblia é relevante ao pesquisador cujos

⁹ O **R̥gveda** é a composição literária mais antiga da Índia. Enquanto alguns pesquisadores defendem que tal obra foi composta entre 1500-1200 AEC (e.g. COHEN, 2018, p. 15), outros sugerem que foi elaborada entre 3700-3500 AEC, conforme aponta Matheus Landau de Carvalho (2014, p. 19).

¹⁰ Esses são alguns dos argumentos dos anti-invasionistas ofertados contra os invasionistas. Para mais detalhes, ver o artigo de Carvalho (2014).

recortes temporal e geográfico de sua pesquisa são abarcados por ela. Para construir um quadro mais completo da antiga sociedade indiana, é necessário que se articule não apenas outras **Upaniṣads** atribuídas ao período enfocado, mas também outros textos sagrados dos Vedas – e.g. **Śatapathabrāhmaṇas**¹¹ –, assim como as pesquisas arqueológicas recentes. Com efeito, a utilização das **Upaniṣads** como fontes históricas é indispensável para se estudar a sociedade na qual elas foram forjadas.

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

BU – Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad.

CU – Chāndogya Upaniṣad.

FONTES

BRHADĀRĀṆYAKA UPANIṢAD. In: APRIGLIANO, A. Upaniṣadas: os doze textos fundamentais. 1. ed. São Paulo: Mantra, 2020, p. 29-121.

CHĀNDOGYA UPANIṢAD. In: APRIGLIANO, A. Upaniṣadas: os doze textos fundamentais. 1. ed. São Paulo: Mantra, 2020, p. 123-213.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APRIGLIANO, A. Upaniṣadas: os doze textos fundamentais. 1. ed. São Paulo: Mantra, 2020.

BARROS, J. D'A. Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

CARVALHO, M. L. Alguns desdobramentos da teoria da invasão ariana ao longo do século XIX E.C. e início do século XX E.C. *Sacrilegens*, v. 11, n. 1, jan-jun/2014, p. 18-35. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26772>.

Acesso em: 21 dez. 2023.

¹¹ Tratam-se de obras exegéticas da liturgia ritualística, elaboradas entre os séculos VIII-V AEC (APRIGLIANO, 2020, p. 16).

_____. Um breve histórico do início da teoria da invasão ariana. *Sacrilegens*, v. 9, n. 1, jan-jun/2012, p. 127-142. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/index.php/sacrilegens/article/view/26663>. Acesso em: 21 dez. 2023.

COHEN, S. Introduction: What is an Upaniṣad?, The date of the Upaniṣads, Ancient India: geographical, historical, and cultural background. In: _____(Ed.). *The Upaniṣads: A Complete Guide*. London: Routledge, 2018.

DEUSSEN, P. *The philosophy of the Upanishads*. Endinburgh: T&T Clarck, 1906.

KILLINGLEY, D. The older Vedas and the Upaniṣads. In: COHEN, Signe (Ed.). *The Upaniṣads: A Complete Guide*. London: Routledge, 2018.

LINDQUIST, S. "Proeminente characters in the Upaniṣads". In: COHEN, S. (Ed.). *The Upaniṣads: A Complete Guide*. London: Routledge, 2018.

MCEVELLEY, T. *The Shape of Ancient Thought: Comparative Studies in Greek and Indian Philosophies*. Delhi: Motilal Banarsidass, 2008.

OLIVEIRA, L. R. Upaniṣads: Uma exposição sobre seus aspectos fundamentais. *Epígrafe*, v. 12, n. 1, p. 551-570, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/210238>. Acesso em: 21 dez. 2023.

OLIVELLE, P. *The Early Upaniṣads: Annotated Text and Translation*. New York: Oxford University Press, 1998.

SAID, E. W. *Cultura e Imperialismo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SILVA, B. C. *Viveka: A razão discriminativa e seu caráter soteriológico segundo a filosofia de Śankarācārya*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Juiz de Fora, 2018.

STELLA, J. *Introdução às Upanichades*. São Paulo: Metodista, 1969.